

MOFAS
REVISTA LITERÁRIA

—
ANO 01

—
EDIÇÃO 01

—
Julho 2024





Expediente
Mofas Revista Literária
 Edição N° 1 – julho de 2024

Reportagens e edição
 Nathália Melo

Textos literários
 Aline Raulino Dutra
 Bárbara Fraga Góes
 Eduardo Di Bernardi São Thiago
 Jéssica Schmitt
 Samantha Sant'Ana

Resenha
 Nathália Melo

Foto de capa
 Vinícius Garcia Cera

Diagramação
 Vinícius Garcia Cera

Logotipo
 Femullets

Este trabalho é experimental, sem fins lucrativos e de caráter puramente acadêmico, criado pela acadêmica Nathália Simões de Melo como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Daisi Irmgard Vogel, para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no segundo semestre de 2024. Seus conteúdos e suas opiniões são de inteira responsabilidade da acadêmica, isentando assim a UFSC e a professora orientadora de qualquer responsabilidade legal por esta publicação.

Caro leitor,

Seja bem-vindo a **Mofas Revista Literária!**

Este projeto surge como meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e foi pensado com muito carinho para ser uma publicação digital mensal cujo objetivo é compartilhar informações através de entrevistas, reportagens e resenhas sobre a produção literária e artística de Santa Catarina. Além disso, a revista busca ser um espaço de publicação para autores independentes que desejam compartilhar seus textos literários, como contos e poesias.

Nesta edição piloto, você encontrará uma reportagem especial sobre a vida e a obra do escritor catarinense Salim Miguel, que completaria cem anos em janeiro de 2024. A companheira de Salim e também escritora, Eglê Malheiros, nascida em Tubarão, no sul do estado, também ganha destaque. Trazemos, ainda, uma entrevista fascinante com Dirce Waltrick do Amarante, professora, tradutora e vencedora do Prêmio Jabuti 2023 na categoria Tradução, com a tradução coletiva da obra *Finnegans Wake*, romance do escritor irlandês James Joyce. E uma resenha do livro *Tanatografia da Mãe*, da poetisa Isadora Fóes Krieger, vencedora do Prêmio Catarinense de Literatura 2023.

CARTA DA EDITORA —

A **Mofas Revista Literária** é uma revista autenticamente manezinha. A inspiração para o nome vem da expressão “mofas com a pomba na balaia”, que no dialeto ilhéu significa que alguém não vai conseguir atingir o objetivo. Segundo o *Dicionário Informal*, a frase teria surgido em uma negociação de mercadorias, sendo a resposta de uma mulher a um comerciante que vendia pombas em um balaio, ao discordar do preço pedido.

A capa desta edição traz uma fotografia das pedras da Praia do Itaguaçu, na região de Coqueiros, parte continental de Florianópolis. O cenário é conhecido como “Salão de Festa das Bruxas”. A lenda local diz que as bruxas realizaram uma grande festa, convidando todas as figuras mitológicas da região, como vampiros, lobisomens, boitatás e mulas-sem-cabeça. O diabo, no entanto, não foi convidado devido ao seu forte odor de enxofre. Furioso por ter sido deixado de fora, o diabo Tibinga transformou todas as bruxas em pedra.

Espero que aproveite a leitura!

Atenciosamente,
 Nathalia Melo, editora.



A Editora

Me chamo Nathalia, sou nascida em Florianópolis, (SC), porém morei minha vida inteira em São José (SC), cidade vizinha à capital catarinense. Sempre gostei muito de ler livros, desde criança. A Mofas Revista Literária é o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Sempre gostei de ler revistas. Desde criança, lia as revistas *Recreio*, *Superinteressante* e *Mundo Estranho*. Mais tarde, na adolescência lia as revistas *Capricho*, *Atrevida*, *TodaTeen* e qualquer revista que viesse com uma entrevista e um *poster* de algum cantor pop que estivesse fazendo sucesso na época. Na fase adulta comecei a me interessar por revistas sobre política, artes, cultura e literatura. Hoje sou assinante das revistas *Piauí*, *Quatro Cinco Um*, *Jornal Rascunho* e *Folha de S. Paulo*, onde o caderno *Ilustrada*, que traz a cobertura de cultura e literatura, é o que mais me interessa.

Sempre preferi me informar através de livros e revistas, preferindo estes a qualquer *podcast* ou vídeo, por isso escolhi este formato como Trabalho de Conclusão de Curso.

Florianópolis já teve uma publicação dedicada às artes e à literatura, foi nos anos 1950, editada pelo Círculo de Arte Moderna, o chamado Grupo Sul, formado por Salim Miguel, Eglê Malheiros, Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga, Armando Carreirão, Adolfo Boos Jr., Antônio Paladino, Martinho de Haro, Tércio Gama, entre outros nomes que transformaram o cenário cultural de Florianópolis e colocaram a arte e a cultura catarinense no mapa. Esta revista é uma forma de homenageá-los.

Colaboradores



Vinícius Garcia Cera

Atualmente cursando Design Industrial na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Gosto bastante de trabalhar com pessoas e compartilhar conhecimento. Me interesso bastante pelas áreas de marketing e comunicação. Gosto de fotografia e me considero uma pessoa criativa, e sempre estou disposto a aprender coisas novas.

Sumário

- 06 ENTREVISTA
Dirce Waltrick do Amarante
- 14 RESENHA
Narrar o inconcebível
- 18 REPORTAGEM ESPECIAL
Salim Miguel, o homem que transformou Florianópolis
- 32 REPORTAGEM ESPECIAL
As muitas faces de Eglê Malheiros
- 40 TEXTOS LITERÁRIOS

“PRECISAMOS LER PARA PENSAR O MUNDO”

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE

Em 2023, a professora, escritora e tradutora Dirce Waltrick do Amarante venceu o 65º Prêmio Jabuti na categoria Tradução, com a tradução coletiva do romance *Finnegans Wake*, último trabalho do escritor irlandês James Joyce

Por Nathalia Melo

Publicado pela primeira vez em 1939, *Finnegans Wake* se tornou *Finnegans Rivolta* na tradução feita pelo Coletivo Finnegans, formado pelos tradutores Afonso Teixeira Filho, Andréa Buch Bohrer, André Cechinel, Aurora Bernardini, Daiane Oliveira, Dirce Waltrick do Amarante, Fedra Rodríguez, Luis Henrique Garcia Ferreira, Tarso do Amaral, Vinícius Alves e Vitor Alevato do Amaral.

Nascida em Florianópolis, Dirce Waltrick do Amarante é professora do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC. É autora de *Para Ler Finnegans Wake*, *Finnegans Wake por um fio*, *Metáforas da Tradução*, *Cem Encontros Ilustrados*, entre outros títulos nas áreas de tradução, teoria literária, teatro e literatura infantil e juvenil.



Dirce Waltrick do Amaral no *Tate Modern* (Museu Nacional de Arte Moderna do Reino Unido), atrás os quipus de Cecilia Vicuña

— ENTREVISTA

Nesta entrevista, Dirce fala de sua trajetória como tradutora, a afinidade por James Joyce — considerado o autor mais intraduzível da literatura mundial —, o Coletivo Finnegans, o Prêmio Jabuti, o trabalho na universidade, entre outros assuntos. Confira:

Como foi o início da sua jornada na tradução literária e o que a inspirou a traduzir James Joyce?

É uma origem meio caótica, porque na realidade sou formada em Direito pela UFSC. Mas sempre gostei de ler. Nunca tinha prestado atenção no tradutor. Isso, por incrível que pareça, é normal. A gente lê autores estrangeiros e muitas vezes não se dá conta de que aquele autor não escreveu na nossa língua, e que alguém precisou traduzir aquele texto para que nós conseguíssemos ler. A primeira vez que li um texto e pensei “será que o autor usou essa palavra mesmo?”, foi lendo um texto do Thomas Mann. Como eu sabia alemão, fui atrás daquela palavra e percebi que a tradução não era um erro, mas não encaixava como o texto pedia. Depois fui fazer mestrado em Literatura e um dia o professor Sérgio Medeiros, que agora é meu marido, estava fazendo uma resenha sobre o primeiro volume de *Finnegans Wake*, de James Joyce, traduzido pelo Donald Schüller. Num fim de semana em que foi na minha casa, ele estava trabalhando na resenha lendo a tradução do Donald. Comecei a ler aquilo, já estava fazendo mestrado em Literatura, mas sobre outro tema. Fiquei encantada com as impossibilidades de tradução que aquela língua inventada tinha. As palavras do Joyce são um jogo, uma brincadeira sem fim, porque elas significam muita coisa, porque são palavras-valise, uma palavra formada pela união entre duas outras palavras. Isso aparece em *Alice através do Espelho*, do Lewis Carroll. No caso do Joyce, às vezes eram três palavras que formavam uma só e nem sempre na mesma língua, ele misturava vários idiomas. Então, aquilo me deixou fascinada

e, curiosamente, eu estava indo para a Inglaterra, ia ter uma professora particular de Literatura comigo todas as tardes. Escrevi para ela e perguntei se nós poderíamos ler dois capítulos de *Finnegans Wake*. Ela queria ler outras coisas do Joyce, contos, mas eu falei “eu quero esse”. Uma coisa incauta, sabe? Li com ela dois capítulos, gravei a leitura dela numa fita cassete e quando voltei ao Brasil, mudei completamente a minha dissertação de mestrado e propus a tradução do capítulo oitavo de *Finnegans Wake*, que é o mais simples e o que o Joyce mais gostava. Os professores não queriam, falaram que não ia dar em nada, porque o Donald Schüller já havia traduzido e ninguém acolheria a minha tradução, mas como sou insistente, falei “vou fazer”. E assim começou a minha vida com a tradução, com o livro que todo mundo acha mais ilegível da literatura mundial, o livro considerado intraduzível, mas eu sempre entendo esse intraduzível como a filósofa francesa Barbara Cassin fala, que o intraduzível é aquilo que não cessa de ser traduzido.

Como surgiu o coletivo Finnegans e como foi trabalhar em grupo nesse projeto de tradução?

Sempre gostei muito de trabalhar em grupo e acredito muito no coletivo. Já trabalhei em dupla com meu marido, Sérgio Medeiros, com o professor André Cechinel, com a Luci Collin, que é uma grande parceira minha da universidade, traduzimos Gertrude Stein juntas. A Luci é uma grande especialista em Gertrude Stein, conhece muito a linguagem dela, gosto muito da autora, aprendi muito com a Luci. É sempre bom trabalhar com alguém que possui esse olhar mais aprofundado. O coletivo Finnegans era uma coisa que eu já tinha como projeto desde 2011. Primeiro publiquei *Para Ler Finnegans Wake* de James Joyce, que tinha a tradução do capítulo oitavo. Depois publiquei *Finnegans Wake (por um fio)*, que conta o romance de ponto a ponto. E o Joyce dizia que a história era como aquela brincadeira do telefone sem fio. Então a ideia do coletivo era cada um pegar um capítulo para traduzir e contar a sua história, porque não tem como abarcar tudo. A gente sempre trabalha, em tradução, com perdas e ganhos.

Com o Joyce, eu diria que a gente trabalha com perdas e o ganho é só de ter terminado o trabalho. São poucos ganhos para muitas perdas, porque a gente não consegue dar conta do todo. Então, cada um foi contando a história do seu jeito.

Como você escolheu os participantes para o coletivo?

Escolhi aqueles que sabiam muito sobre o Joyce, já eram estudiosos, já tinham traduzido como o Afonso Teixeira, que abre o livro. Também busquei jovens pesquisadores que eram amantes de Joyce, mas que ainda estavam engatinhando na tradução. Eu não queria chamar um grande nome para traduzir, queria uma pessoa que traduzisse pelo amor ao texto. E, é claro, que conhecesse o idioma inglês e tivesse essa abertura para a vanguarda. Convidei outros tradutores que não são pesquisadores, como Vinícius Alves, que trabalha há muito tempo com o texto de vanguarda, já traduziu Edward Lear e Lewis Carroll. Ele sem-

pre me mandava as traduções dele e eu ia acompanhando, achava ele muito inventivo, e o Joyce permite ser inventivo. O coletivo foi formado por pessoas de diversas faixas etárias, áreas de formação e também de ideias diferentes sobre o romance. Foi um grupo extremamente heterogêneo e muito interessante de trabalhar. Aprendi bastante, me diverti muito lendo os capítulos. Percebi o quanto mudava o estilo de uma tradução para a outra, e realmente essa era a ideia do Joyce, de passar a história de um para o outro até chegar ao fim completamente diferente. Mas é claro, ao ler *Finnegans Rivolta* você percebe que o livro tem um fio narrativo como qualquer tradução que tenha sido feita por uma única pessoa. A história está lá, só que ela é narrada por vozes diferentes. Isso também é interessante, porque a gente não sabe quem narra *Finnegans Wake*. Pode ser um narrador ou vários. A minha tese é de que quem narra é uma mulher, e é a Anna Livia Plurabelle, porque o Joyce dizia que era a continuação do romance *Ulisses*. No *Ulisses*, a perso-



Coletivo Finnegans recebe o 65º Prêmio Jabuti pela tradução de *Finnegans Rivolta*

Câmara Brasileira do Livro

— ENTREVISTA

nagem principal, Molly Bloom, adormece e o último monólogo é dela. E *Finnegans Wake* começa no meio de uma frase. Pode ser que a Molly tenha adormecido e sonhado, e esse é o sonho da Molly. Mas essa é uma das muitas interpretações.

Como foi o processo de tradução e quanto tempo levou para o livro ficar pronto?

Como organizadora, não interferei no trabalho deles. Raras vezes pontuei alguma coisa. A ideia do co-

letivo era de 2011, mas a tradução de fato começou somente em 2017, num encontro na Inglaterra. Eu precisava de alguém que se empolgasse. E lá me encontrei com o Vitor Alevato do Amaral, estudioso de Joyce, e ele se empolgou. Fui atrás das outras pessoas e tivemos muitas discussões bacanas. Eu dizia para o pessoal: “Olha, não tem nota, se não vai ter 10 mil páginas, 600 livros e ninguém vai querer publicar”. De repente, alguém perguntava “Eu traduzo os nomes?” e eu respondia “Faça como você achar que deve fazer”.



Editora Iluminuras



Editora Iluminuras



Câmara Brasileira do Livro

I - Livro *Finnegans Rivolta* | II - Card de desculgação da publicação premiada
III - Samuel Leon, fundador da Editora Iluminuras

Porque já tinha a ideia da metamorfose. Por exemplo, a grande personagem é chamada de HCE (*Here Comes Everybody*) e vai mudando de nome o livro inteiro. Então, a questão de traduzir aquilo não tem problema nenhum, porque faz parte da metamorfose que os personagens sofrem. Não vai afetar o todo e nem o projeto do Joyce. Nós terminamos a tradução em 2021 e conseguimos uma editora que aceitasse a empreitada, que foi a Editora Iluminuras. Conseguimos também um apoio da *Literature Ireland*, muito bacana, e um pequeno apoio, que é o máximo que a pós-graduação pode dar, sete mil reais, que para um livro como esse é quase nada, mas todo o apoio que recebemos é mais do que bem-vindo. Para o editor, um livro como esse é também um tiro no escuro. Primeiro porque é *Finnegans Wake*. Segundo porque tinha a tradução de alguns fragmentos do Haroldo de Campos. O projeto coletivo de tradução, nesses termos, também era uma coisa nova, podia dar completamente errado. Então, para acolher essa ideia um editor precisa ter peito. O Samuel Leon, nesse ponto, sempre acolhe os meus projetos mais mirabolantes.

Na sua opinião, o que torna a obra de James Joyce tão singular?

Toda obra de arte, literatura, cinema, teatro, é uma máquina de gerar sentidos. E o *Finnegans Wake* é essa máquina de gerar sentidos elevada à enésima potência. É um livro que não se esgota. Todo bom livro não se esgota, porque ele está sempre trazendo alguma coisa nova. Cada leitura é um novo livro e são inúmeras possibilidades de leitura. Se optamos por um caminho, o livro segue uma direção. Se optamos por outro, o livro segue totalmente diferente. Essas múltiplas possibilidades, todo bom livro tem que ter, e o Joyce fez uma grande literatura. É por isso que a gente está sempre voltando a ele. É um livro bastante político, que fala sobre a Irlanda, sobre uma Colônia Britânica que foi terrível com os irlandeses. Esse é o grande tema do Joyce, essa questão da periferia, de uma Irlanda periférica. E eu acho que, para nós brasileiros, é um livro que nos toca bastante. Aliás, Joyce, de modo geral, nos toca

“

Todo bom livro não se esgota, porque ele está sempre trazendo alguma coisa nova. Cada leitura é um novo livro e são inúmeras possibilidades de leitura.

Dirce Waltrick do Amarante

muito em razão de nós sermos também um país periférico, um país colonizado e um país que fala a língua do colonizador. O Joyce também falava a língua do colonizador. Em *Finnegans Wake* ele destrói a língua do colonizador, ele mistura a língua do colonizador com várias outras línguas. É uma forma de mostrar que ela não é hegemônica, que ela está aí entre outras milhares. Isso também é muito interessante.

Como que a tradução de *Finnegans Rivolta* pode contribuir para a compreensão e apreciação da obra de Joyce pelo público brasileiro?

Só o tempo dirá. Toda tradução contribui. É óbvio que a gente quer ter leitor. A gente faz uma obra dessas para ter um leitor. Para que o leitor leia, analise, discuta, dialogue com a gente. Agora, como eles vão perceber? Como eles vão ler? Não sei. Mas acho que tem que chamar atenção. Isso a gente deve ao Donald Schüler, quando o Donald traduziu *Finnegans Wake* pela primeira vez para aquele editorial, muita gente criticou a tradução dele. Mas ele abriu caminho na selva e muita gente veio atrás. Eu sou cria do Do-

— ENTREVISTA

naldo Schüler e só cheguei ao *Finnegans Wake* graças à tradução dele. É muito difícil criticar uma tradução, principalmente uma tradução como *Finnegans Wake*, em que o tradutor vai ter de tomar decisões que vão deixar outras de fora. Colocar a mão na massa ajuda a compreender também o trabalho do outro tradutor. Donald Schüler abriu portas e hoje, por incrível que pareça, nós somos o país que mais traduziu *Ulysses* e *Finnegans Wake*.

Como foi a sua reação ao saber que o livro foi vencedor do Prêmio Jabuti?

Quando o livro saiu ele não teve resenha, não teve repercussão, ele recebeu notinhas em jornal e revista, inclusive aquela revista *Quatro Cinco Um* colocou naquele listão que vão os livros que não tem resenha. Mesmo no *Bloomsday* de São Paulo, não teve um destaque. Tem membros do Coletivo lá em São Paulo, mas no *Bloomsday* não puderam nem ler as suas tra-

duções porque não tinham tempo. Mesmo assim nos inscrevemos no prêmio. Eu acreditava que o livro era um grande trabalho, nunca tive dúvida em relação a isso, e competir também era uma forma de fazer o livro circular. Quando chamaram eu fiquei super feliz pelo coletivo, pelo trabalho e por ser uma tradução. O coletivo, para mim, vai além da questão estética, é uma questão política, de trabalhar em conjunto, de formarmos um grupo para fazer uma coisa legal, para plantar uma semente. E foi muito bacana. Eu ganhei um jabuti, o coletivo ganhou e a Editora Iluminuras ganhou outro. Então, veio um aqui para a minha casa. O do coletivo foi para o Núcleo de Tradução da Universidade Federal Fluminense (UFF). Fiquei bastante satisfeita e aliviada, porque eu dei muito trabalho para esse coletivo. Enchi tanto a paciência deles. E a gente tem colhido bons frutos. Agora estamos traduzindo *Dublinenses* do Joyce. Mas agora propus que a gente assinasse como coletivo, dentro do livro vai ter o nome de todo mundo.

Além do seu trabalho como tradutora, você também é professora universitária, como você vê essa relação entre a prática de tradução e a atividade acadêmica?

É uma coisa que caminha lado a lado. Sou professora de Artes Cênicas na graduação. Faço coisas assim porque não tenho a tradução, então traduzo determinados textos para levar para os alunos. Traduzi *A Cantora Careca* do Ionesco, que vai sair agora pela Editora Temporal de São Paulo. É uma editora muito bacana que trabalha só com texto teatral. Ela faz um trabalho maravilhoso de edição. Então, isso me ajuda muito. E dar aula também me ajuda a traduzir, porque a gente aprende muita coisa dando aula. A Teoria da Tradução não está só na Teoria da Tradução, ela está em vários livros, em várias coisas que a gente vai lendo e vai tendo ideia, não só de vocabulário, mas de como lidar com aquele autor. Acho que eles se complementam. Também dou aula na pós-graduação em Tradução, e claro, a pós em Tradução vai dar os teóricos da Tradução, mas sempre falo para os meus alu-

“ Colocar em dúvida não significa uma crítica negativa, mas sim refletir sobre o que leu, isso é importante não só para quem vai traduzir, mas para todo mundo.

Dirce Waltrick do Amarante

nos que a Teoria da Tradução está no mundo. Quanto mais coisas a gente lê, mais teoria a gente vai ter. Então a gente pode buscar essa Teoria da Tradução num romance, num conto, na filosofia, em qualquer outro lugar. Publiquei um livro chamado *Metáforas da Tradução*, que são vários textos meus sobre Tradução, fruto das minhas aulas. É o que costumo fazer, mostrar que a Tradução não está só nos clássicos teóricos, a tradução está no mundo.

Como você enxerga o futuro da tradução no Brasil, especialmente no que diz respeito às obras de grande complexidade, como a de James Joyce?

Agora nós temos o ChatGPT e não tem volta. Ele vai chegar lá, mas ainda está muito atrás. Quem coloca informação no ChatGPT é o humano, ele vai buscar em textos que nós escrevemos, sem pagar os nossos direitos autorais, e vai se nutrir com aquilo, e acho muito perigoso, nós temos várias questões éticas envolvendo o ChatGPT. Primeiro, de não pagar os direitos autorais, se valer de textos que são nossos sem permissão. Também tem a outra questão de que, se a gente for usar só o Chat, a gente não pensa. E a tradução é pensar o mundo, pensar a linguagem. A gente não vai pensar mais. Estou traduzindo agora com a Luci Collin alguns poemas da Gertrude Stein, essa autora norte-americana, de vanguarda, e ela não usa pontuação, ela tem uma linguagem toda própria, repetitiva, e testei várias inteligências artificiais para traduzir o texto. Foi muito engraçado, porque em

uma delas o texto ficou todo arrumado. Em outra, as palavras que são repetitivas, a IA não repetiu, ou seja, a IA apagou uma característica dessa autora, que é a repetição das palavras. Então, as inteligências artificiais ainda estão longe. Mas é claro que se eu instruir a máquina a copiar o estilo daquela autora, a máquina vai conseguir fazer. Vai precisar de um humano para fazer, mas vai fazer. Agora, acho o seguinte, daqui a pouco é até melhor a gente não existir, sabe? Às vezes, acho que a gente deve deixar o planeta para as plantas, elas nascem no meio do asfalto, elas tomam conta mesmo, a natureza toma conta. Se a gente não pensar mais, o que a gente está fazendo aqui?

Quais conselhos você daria para estudantes e jovens tradutores que desejam seguir carreira na área da Tradução Literária?

Leiam muito sobre tudo. A gente nunca sabe onde vai encontrar a solução para determinada situação. Então, leia, quanto mais a gente lê, melhor. Eu acredito muito na interdisciplinaridade, quanto mais a gente sai das nossas caixinhas, maior o nosso mundo fica. Cada caixinha também tem a sua própria linguagem. O mundo se expande quando a linguagem se expande. Então, a gente tem que expandir a nossa linguagem. A pessoa tem que ler e pôr em dúvida o que leu. Colocar em dúvida não significa uma crítica negativa, mas sim refletir sobre o que leu, isso é importante não só para quem vai traduzir, mas para todo mundo, principalmente quem vai trabalhar, vai entrar na linha de frente, precisamos ler para pensar o mundo. —

“ Sempre falo para os meus alunos que a Teoria da Tradução está no mundo. Quanto mais coisas a gente lê, mais teoria a gente vai ter.

Dirce Waltrick do Amarante

NARRAR O INCONCEBÍVEL

Em *Tanatografia da Mãe*, Isadora Fóes Krieger escreve sobre o luto em formato de poema-carta

Por Nathalia Melo



Isadora Fóes Krieger,
autora de *Tanatografia da Mãe*

Foto Carolina Krieger

“As cartas impossíveis são escritas apesar dos Remetentes. As cartas impossíveis são lidas apesar dos Destinatários”. Com essa premissa, Isadora Fóes Krieger, escritora catarinense nascida em Balneário Camboriú, constrói este belo poema-carta em *Tanatografia da Mãe* (Editora da Casa, 2022). O livro, vencedor do Prêmio Catarinense de Literatura 2023 na categoria Poesia, traz uma profundidade singular ao tema da perda. A palavra “tanatografia” tem origem no grego, onde *thanatos* significa “morte” e *grapho* significa “escrever”. Isadora nos explica que o título do livro surgiu a partir do inconcebível: a morte de sua mãe, Olga, em julho de 2021.

Endereçado àqueles que “incorporam a face obscura do amor”, o livro explora a complexa relação entre mãe e filha. No texto, Isadora resgata cartas da infância e tenta decifrar enigmas existenciais, como a presença de Deus, a figura da mãe — a mulher-esfinge, a Mulher que Não Sei — e a si própria. Ao longo do poema, Isadora faz essa investigação minuciosa com perguntas inquietantes, como “o que fazer com o ódio pela mãe?”, desafiando o leitor a confrontar suas próprias emoções e memórias.

A psicanálise nos ensina que a conexão entre o amor e o ódio está ligada à ambivalência emocional, uma condição comum em que uma pessoa sente emoções opostas em relação a outra. O conceito de ambivalência aparece como um estágio importante na teoria do desenvolvimento emocional de Donald W. Winnicott (1896-1971), médico pediatra e psicanalista inglês que destacou a importância do ambiente e das relações iniciais no desenvolvimento emocional infantil, introduzindo conceitos como “mãe suficientemente boa” e “espaço transicional”.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Inteligência Emocional, “o ódio nunca nasce da indiferença; esse sentimento pode ter origem no medo de perder o outro, no receio de ser rejeitado ou até mesmo ser uma reação desencadeada por uma admiração profunda”. Essa admiração profunda é frequentemente observada no poema de Isadora:

“Suponhamos que não há nada mais íntimo do que dividir um Evento Onírico que quando mãe e filha contam os seus sonhos uma à outra dizem: o arco da noite contorna os meus ombros, uma coruja cresce em minha coluna, respirei no tempo das primeiras montanhas, e ergui outra casa com o hálito da lua, suponhamos que esta seja a maneira mais genuína e inadmissível de dizer: eu te amo. somos duas esfinges amando-se/ desprezando-se a partir do que mais desconhecemos em nós. amo a Mulher que Não Sei do mesmo modo que a desprezo: clandestinamente.”

Para Freud (1856-1939), a figura da mãe é vista como o “Outro Onipotente” ao qual a filha está inexoravelmente ligada. É este ser, estranho e onipotente, que Isadora tenta decifrar em seu poema-carta:

“A pessoa mais estrangeira, mais inapreensível, que encontramos na vida é a mãe. A sua loucura me marcou para sempre”.

Nesta Carta que “inscreve-se em nós”, Isadora relembra cenários da infância e invoca referências da literatura feminina como Marguerite Duras, Maria Gabriela Llansol, Sylvia Plath, Michèle Roberts e Melanie Klein para tentar desvendar a figura materna, e conclui: “é preciso se desprender da mãe para pensar”.

— RESENHA

Mas a Carta começa a partir da “Ruptura”, o “inconcebível”, “a morte incomensurável e inimaginável”. É essa certeza tão intrínseca à vida que provoca a ruptura. É nesse cenário, na escuridão da casa vazia, outrora ameaçadoramente iluminada, que Isadora nos convida a adentrar. E entre as memórias da autora e os vestígios deixados pela mãe, é impossível não enxergar o nosso próprio luto, porque nenhuma experiência é individual, muito menos a morte, esse enigma tão misterioso, tão temido por uns e desejado por outros.

A morte aparece como tema principal em diversos títulos literários. “Escrever sobre a morte é escrever sobre a vida, porque é desde o ponto de vista da vida que estamos a escrever sobre a morte”, disse o escritor português vencedor do Nobel de Literatura, José Saramago, em entrevista à *Folha de S. Paulo*, em 2005.

Dessa forma, a carta-poesia de Isadora se une a outras vozes da literatura contemporânea como Natalia Timermann (*As pequenas chances*), Mariana Salomão Carrara (*Não fossem as sílabas do sábado*), Chimamanda Ngozi Adichie (*Notas sobre o luto*), Noemi Jaffe (*Lili: novela de um luto*), Aline Bei (*Pequena coreografia do adeus*) e Maria Eugênia Moreira (*Os pares de sapato não acompanham as quedas*), para tratar de um sentimento tão subjetivo, porém tão conhecido pela humanidade: a dor da perda.

Isadora coloca toda a sua dor no nervo da folha e indaga ao leitor: “como falar do inominável do rapto se não através da poesia?”

Ao ler este poema-carta, lembrei-me do poema “Primeira Lição”, de Ana Cristina Cesar, publicado em 1979, no livro *Cenas de Abril*:

“Os gêneros de poesia são: lírico, satírico, didático, épico, ligeiro. O gênero lírico compreende o lirismo. Lirismo é a tradução de um sentimento subjetivo, sincero e pessoal.

É a linguagem do coração, do amor. O lirismo é assim denominado porque em outros tempos os versos sentimentais eram declamados ao som da lira.

O lirismo pode ser:

a) Elegíaco, quando trata de assuntos tristes, quase sempre a morte.

b) Bucólico, quando versa sobre assuntos campestres.

c) Erótico, quando versa sobre o amor.

O lirismo elegíaco compreende a elegia, a nênia, a endecha, o epitáfio e o epicédio.

Elegia é uma poesia que trata de assuntos tristes.

Nênia é uma poesia em homenagem a uma pessoa morta.

Era declamada junto à fogueira onde o cadáver era incinerado.

Endecha é uma poesia que revela as dores do coração.

Epitáfio é um pequeno verso gravado em pedras tumulares.

Epicédio é uma poesia onde o poeta relata a vida de uma pessoa morta.”

A primeira vez que me deparei com esse poema foi em 2016, enquanto fazia o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Ele surgiu como um alento durante a prova, fonte inesgotável de angústia durante esse estranho período na vida de um jovem, o momento de deixar para trás a infância e a adolescência e escolher o caminho a ser trilhado na vida adulta — ainda um mistério a ser desvendado. O tom explicativo e contido nos versos de Ana Cesar constitui uma forma peculiar de expressão poética — essa era a resposta pedida pelo gabarito.

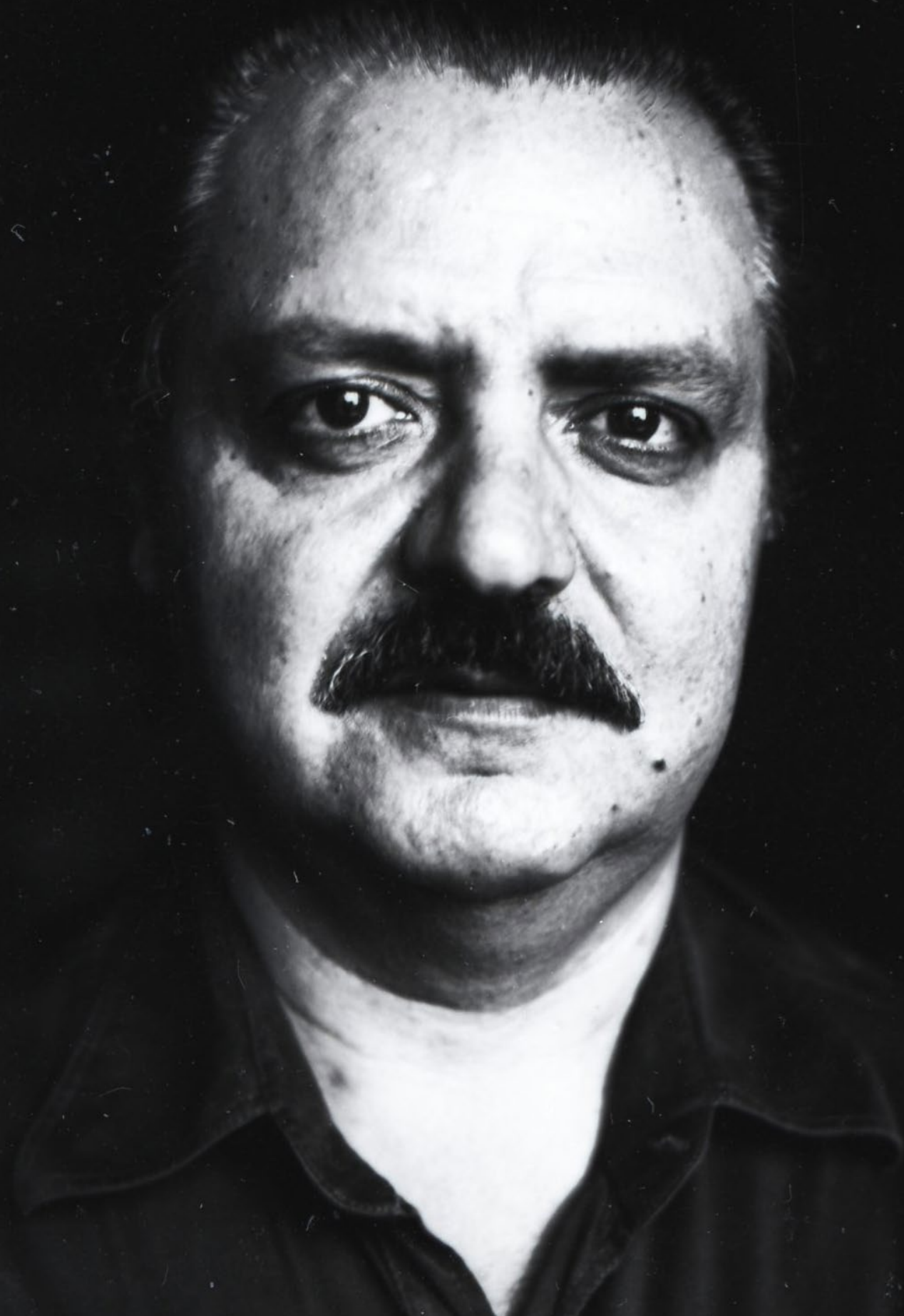
Voltando aos dias atuais com *Tanatografia da Mãe*, percebemos que Isadora é dominada pelo lirismo, e utiliza todo o seu potencial para criar este belo poema-carta. Ao chegarmos ao fim do texto, percebemos que quando a vida acaba o que nos resta é o amor “o fio no qual a morte vacila”. —

Sobre a autora

Isadora Fóes Krieger (Balneário Camboriú, 1976) é poeta. Publicou *Tanatografia da Mãe* (Editora da Casa, poesia, 2022), vencedor do Prêmio Catarinense de Literatura 2023, e *Explorações Cardiomitológicas* (Editora da Casa, poesia, 2018), semifinalista do Prêmio Oceanos de Literatura 2019. Ministra a oficina de escrita *Ocultismo, Delírio e Cosmos*.



Livro *Tanatografia da Mãe*



SALIM MIGUEL

O HOMEM QUE TRANSFORMOU FLORIANÓPOLIS

Escritor nascido no Líbano e radicado em Santa Catarina completaria cem anos em janeiro de 2024; conheça a vida e a obra de um dos escritores mais profícuos da literatura catarinense

Por Nathalia Melo

“Anoitece. Seis pessoas: três adultos, três crianças. Os adultos: faixa dos vinte anos. As crianças: a mais nova com menos de seis meses, o mais velho com pouco mais de três anos. Pai, mãe, tio, duas meninas, um menino. O dia: 18. O mês: maio. O ano: 1927. O local: cais do porto da Praça Mauá. O estado: Rio de Janeiro. O país: Brasil.”

Assim começa a história da família Miguel no Brasil. A criança mais velha é Salim Miguel, escritor catarinense nascido no Líbano que completaria 100 anos em janeiro de 2024. Nascido em Kfarssouroun, um vilarejo no norte do Líbano, em 1924, Salim Miguel veio para o Brasil com seus pais, Tamina e Yussef, aos três anos de idade. A viagem e a chegada da família no Brasil é contada no romance autobiográfico *Nur na Escuridão*, vencedor do Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) em 1999, e do Prêmio Zaffari & Bourbon, na Nona Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, em 2001.

O título *Nur na escuridão* faz referência à primeira palavra aprendida pelo pai Yussef: “Muitos anos depois, já bem velho, o pai gostava de lembrar, de repetir insistindo: a primeira palavra que aprendi em português, que me foi diretamente dirigida, que gravei: luz. *Nur*”.

Antônio Carlos Miguel, um dos cinco filhos do escritor, conta que inicialmente, o romance se chamava *As sementes da vida*, porém por insistência do editor acabou se chamando *Nur na escuridão*.

“Eu consegui a editora Topbooks para ele (Salim). Tivemos uma reunião aqui no Rio e o editor Zé Mário Pereira e a companheira dele leram e aprovaram o livro, só não gostaram do título. Eu falei: vamos dar esse título, *Nur na escuridão*, que é exatamente a abertura do livro, eles chegando na Praça Mauá à noite, o chofer de táxi recebe o endereço escrito que eles tinham de uns parentes, e diz ‘precisa de luz’ e acende o mosqueiro, a primeira palavra nova em português que meu avô aprende além dos ‘boas noites’, ‘obrigado’, é ‘luz’, que em árabe é *nur*, aí o título *Nur na escuridão*”, conta Antônio Carlos.

Salim Miguel escreveu 33 livros, entre romances, contos e coletâneas de resenhas e crônicas. Sua vasta produção lhe rendeu prêmios importantes, como o Prêmio Machado de Assis, a maior honraria concedida pela Academia Brasileira de Le-

tras, em 2009. O Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE) e *Folha de S. Paulo*, em 2001, e a Medalha de Mérito Cultural Cruz e Souza, concedida pelo Conselho Estadual de Cultura de Santa Catarina, em 1999.

Além de escritor, foi também jornalista, passando por jornais como *Diário da Manhã* e *Opinião Pública*, de Florianópolis. Escreveu para as revistas *Bossa Nova* (SC) e *Manchete*, *Fatos & Fotos* e *Tendências*, do Rio de Janeiro.

ro. Contribuiu ainda para os jornais *Folha da Juventude*, *Cicuta*, *O Estado*, *Diário Catarinense*, de Florianópolis, *Correio da Manhã*, *Tribuna da Imprensa* e *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro e *Correio do Povo*, do Rio Grande do Sul.

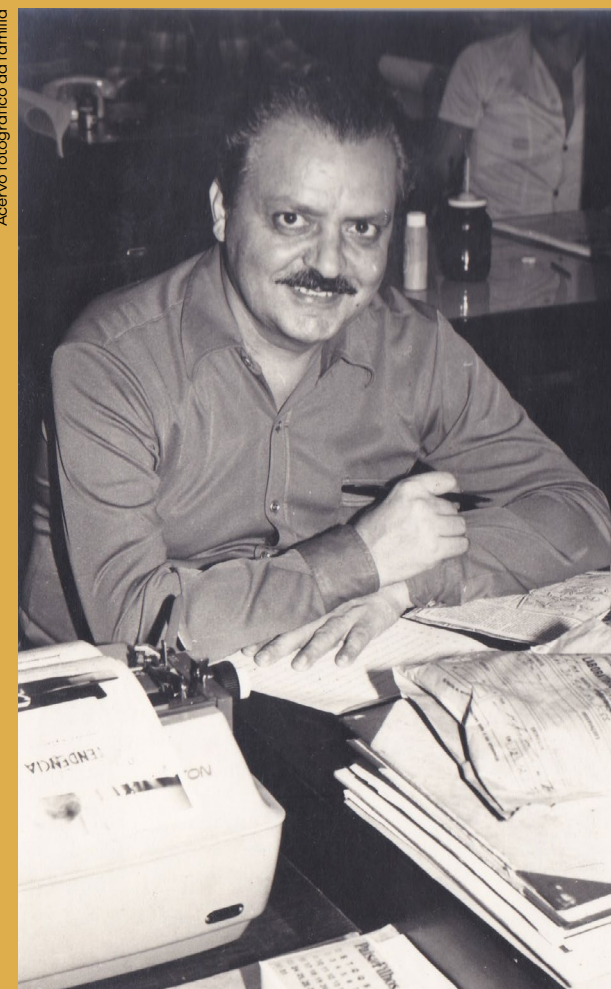
Ocupou o cargo de assessor de imprensa do governo Celso Ramos, nos anos 1960 e foi diretor da Agência Nacional, a agência nacional de notícias do governo brasileiro.

Do Líbano para Santa Catarina

Após a chegada no Rio de Janeiro, a família logo veio para Santa Catarina, mais especificamente São Pedro de Alcântara. Após alguns meses na cidade, primeiro núcleo de colonização alemã em Santa Catarina, a família mudou-se novamente, desta vez para Biguaçu. O motivo da mudança é narrado por Salim em *Nur na escuridão*:

“E de repente, sem qualquer explicação, sem lógica visível, sem nenhum fato aparente que justificasse ou provocasse, a reclamação dos demais comerciantes, solerte de início, escancarada a seguir, dois ou três ou quatro, nem meia dúzia eram, diziam, estamos sendo prejudicados, a queixa ao padre, esse estrangeiro, esse turco, chegou ontem e nos tomou a clientela, sem se lembrarem que também eles eram imigrantes, ou filhos ou netos de, passaram a chamar o pai de turco e gringo. Deslembavam-se de que eram chamados de galegos. O boicote começou. Maior mágoa, a acompanhada da decepção, quando ficou sabendo do sermão do padre nas missas dominicais, até nas novenas. Logo os fregueses sumiam intimidados, o padre recriminava-os, por que, em lugar de procurarem nas casas de comércio dos conterrâneos, procuravam a do gringo? Pela primeira vez, sim, o pai tomava conhecimento desse termo, era assim tratado. Não “turco” — que já o deixava indignado embora houvesse uma explicação.”

Acervo fotográfico da família



Salim Miguel na redação da Revista Manchete, no Rio de Janeiro, anos 1960



Acervo fotográfico da família

A Família Miguel. No centro, os pais Yussef/José e Tamina. Em pé os irmãos, da esquerda para a direita, Fauzi, Sayed, Hend, Samir, Fádua, Salim e Jorge, no início dos anos 1950



Acervo fotográfico da família

Salim com o pai Yussef/José Miguel, anos 1960

Foi em Biguaçu que Salim desenvolveu sua paixão pela literatura, lendo livros para um poeta cego, João Mendes, dono da única livraria da cidade, onde Salim conseguiu seu primeiro emprego como atendente.

“O trabalho dele era ajudar a atender os fregueses e ler para o patrão. Ele passou a devorar livros. Um dia, chegou para o pai dele, que era comerciante, como qualquer imigrante que chega no Brasil sem nada, sem falar o idioma, vira mascate, melhora, abre uma lojinha, e falou: Quero ser escritor. E o Yussef falou: Vai ser muito difícil, mas se é isso que você quer, vá em frente. E ele foi em frente”, conta Antônio Carlos.

Começo da carreira

O escritor começou sua carreira literária aos 27 anos com *Velhice e outros contos*, publicado em 1951. A inspiração para o livro veio da experiência do autor após um período trabalhando como recenseador no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Luciana Wrege Rassier, professora do Departamento de Literatura e Língua Estrangeira da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisadora da vida e da obra do autor, define a literatura de Salim Miguel como rica em experiência humana.

“Sempre digo que a literatura é um objeto de arte, uma experiência estética. Nas artes, há dois vetores fundamentais: apuro técnico e vivência. Um outro escritor que estudei bastante, o Raduan Nassar, que também é de origem libanesa, dizia: ‘A vida precisa estar pulsando no texto’, e na obra do Salim a gente tem isso. A gente tem o talento, o apuro técnico e a matéria humana pulsando ali, como um caldeirão em que a humanidade, as experiências, dúvidas, dores, felicidades, alegrias e inquietações, estão todas ali.”

Rassier ressalta que, além da vasta produção literária, Salim Miguel teve uma atuação profícua no jornalismo e como gestor cultural. “Faz vinte anos que estudo a obra do Salim e, em qualquer lugar que eu vá, as pessoas sempre ficam abismadas pela produção rica. Tem romance, conto, crítica literária e jornalismo. Além de ter sido fundamental na estruturação da Editora da UFSC como gestor cultural. Era uma época em que as editoras das universidades fede-

rais estavam sendo implementadas. Então, a nível nacional, quando a gente fala com pessoas que ocuparam cargos de direção em outras editoras, percebemos que ele teve esse papel proeminente. Como jornalista, ele também foi vanguardista”, destaca a professora.

O Grupo Sul

Além de conciliar o trabalho de escritor com o de jornalista, Salim Miguel foi também um incansável agitador cultural. Na década de 1940, participou de um coletivo de intelectuais que revolucionou o panorama cultural de Florianópolis. O Círculo de Arte Moderna, que ficou conhecido como Grupo Sul, realizou uma série de exposições artísticas, montagens de peças teatrais, entre outras atividades, que culminaram na criação do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), em 1949. Entre as atividades mais notáveis desenvolvidas pelo Grupo Sul estão o roteiro e co-produção do primeiro longa-metragem catarinense, *O Preço da Ilusão*, de 1958, e a edição da *Revista Sul*, que circulou em Florianópolis, entre os anos 1948 e 1957.

“O Grupo Sul foi um coletivo de intelectuais e ar-

tistas de diversas áreas. Além da literatura, os melhores gravuristas da época estão presentes ali. Os primeiros números da revista serviram para arrecadar fundos montando peças de teatro, incluindo um texto de Jean-Paul Sartre. Foi a primeira vez no Brasil que um texto do Sartre foi montado para o teatro. E isso numa cidade isolada, estamos falando numa era pré-internet, e eles estavam conectados com o mundo todo. Eles tinham correspondentes e colaboradores em países luso-africanos, como Moçambique e Angola, em Portugal, em Londres, em Buenos Aires, em Montevideo, em Nova Iorque, e trocavam correspondência com autores do Brasil inteiro. Foi um coletivo que realmente sacudiu a vida cultural de Florianópolis, de Santa Catarina”, destaca Antônio Carlos.

Fizeram parte do Grupo Sul nomes como Adolfo Boos Jr., Aníbal Nunes Pires, Antônio Paladino, Archibaldo Cabral Neves, Armando Carreirão, Eglê Malheiros, Ernesto Meyer Filho, Fúlvio Luiz Vieira, Hiedy de Assis Corrêa, Jair Francisco Hamms, João Paulo de Souza, Martinho de Haro, Ody Fraga, Silveira de Souza, Tércio da Gama, e Walmor Cardoso da Silva.

Acervo fotográfico da família



Membros do Grupo Sul, em visita ao Rio de Janeiro na década de 1950, conhecem o poeta Carlos Drummond de Andrade

O casamento com Eglê Malheiros

Salim e Eglê se conheceram em Florianópolis, na década de 1940. Entre 1946 e 1947, os dois colaboraram com o jornal *Folha da Juventude*, como mostra a pesquisa *Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina*, trabalho de dissertação de mestrado em literatura pela UFSC da professora Lina Leal Sabino, em 1981.

A pesquisa de Sabino mostra um amigo em artigo de Salim Miguel, escrito em 23 de agosto de 1947 no *Diário da Tarde*, um periódico de Florianópolis. Intitulado “Círculo de Arte Moderna” destaca que “Florianópolis precisa acordar do passado”. A partir deste momento, os membros do movimento publicam seus textos nos jornais *Folha da Juventude* e *Cicuta*, até a criação da *Revista Sul*, em 1948.

Eglê Malheiros é a única mulher a participar do Círculo de Arte Moderna, contribuindo nas áreas de cinema, teatro e literatura. De acordo com a professora Luciana Rassier, amiga do casal, os dois nunca concordaram quando começaram a namorar, porém, a partir do convívio no Círculo de Arte Moderna, os dois se aproximaram e se casaram em 1952.

Segundo Antônio Carlos, a mãe, Eglê, sempre foi influência vital na produção literária do pai. “Ela sempre teve uma cultura muito grande. Os dois sempre trabalharam em dupla. Ela foi a primeira leitora e a primeira crítica de todas as obras dele”, relembra.



Acervo fotográfico da família

Salim e Eglê atuaram juntos no Círculo de Arte Moderna

Prisão e mudança para o Rio de Janeiro

Em abril de 1964, um dia após o Golpe Militar, Salim Miguel foi preso em Florianópolis. O autor passou 48 dias na prisão, acusado de subversão. Na época, Salim trabalhava para a Agência Nacional, atual EBC (Empre-

sa Brasil de Comunicação), e fazia parte da equipe de assessoria de imprensa do governo Celso Ramos. Por conta da prisão, Salim perdeu o posto no governo e mudou-se com a família para o Rio de Janeiro.

Além da prisão, outro episódio brutal influenciou na mudança da família para a capital fluminense: o ataque à livraria Anita Garibaldi, localizada na Praça XV, na região central de Florianópolis. A livraria era conhecida como

“Livraria do Salim”, apesar do escritor não fazer mais parte do quadro de sócios na época do ocorrido.

“Me lembro que eu estava na escola, era hora do recreio e umas professoras começaram a conversar, apontando para a minha irmã e eu. Nos chamaram e disseram: vocês estão liberados, podem ir para a casa do seu avô. Quando chegamos na casa, meu tio e meu avô estavam lá e nos receberam. ‘Nunca se envolvam com política’, meu avô nos fez prometer. E depois de uma semana veio meu irmão e falou: levaram a mãe (Eglê). Ela estava sendo presa. Então a gente ficou nesse período sem pai nem mãe, depois ela mudou para prisão domiciliar, foram 90 dias presa em casa”, conta Antônio Carlos.

“A gente tem que lembrar disso, mas na época a gente sobreviveu. Teve gente que passou por coisas muito piores, foram torturados, assassinados. A gente acabou vindo para o Rio de Janeiro. Salim adorava o Rio e apesar da injustiça que foi a prisão deles, eles não estavam fazendo nada criminoso, eles apenas tinham ideias diferentes dos militares e demais conservadores que tomaram o poder. Então, apesar disso, a experiência de vir para o Rio foi bacana”, ressalta.

Vida no Rio

A vida no Rio de Janeiro era difícil em termos financeiros. Salim e Eglê trabalhavam muito. Em Florianópolis, antes da prisão, Eglê dava aulas de História no Instituto Estadual de Educação Dias Velho. Após a prisão,

Eglê foi proibida de lecionar e Salim teve de se desdobrar em dois empregos para sustentar a família.

“Minha mãe ajudava com traduções. Ela recebia um salário congelado de professora, mas era proibida de lecionar, porque era considerado perigoso ser subversivo. Então, ela trabalhava com revisões, traduções, e ele em dois empregos. Ele saía de casa às dez da manhã e chegava às onze da noite. Muitas vezes, a gente já estava dormindo. E fim de semana, ele estava lendo ou batucando na máquina de escrever”, relembra Antônio Carlos.

No entanto, apesar das dificuldades, o período no Rio de Janeiro foi de grande importância para a carreira de Salim Miguel. “Foi um período muito desafiador para eles. Porém, Salim e Eglê são quem são graças a esse período, porque eles estavam no eixo. Eles conheceram inúmeros intelectuais e levaram a literatura de Santa Catarina para esse eixo”, conta a professora Luciana Rassier.

Durante o período em que viveram no Rio de Janeiro, Salim e Eglê foram editores da revista *Ficção*, junto de Fausto Cunha e o casal Cícero e Laura Sandroni. *Ficção* teve 45 edições publicadas entre janeiro de 1976 e setembro de 1979, e se destacou por publicar textos ecléticos de autores brasileiros. “Estávamos abertos a todos que nos procuravam, e, em muitas ocasiões, ajudávamos a rever textos de iniciantes, que precisavam de uma pequena mexida para se tornar muito bons, bons ou razoáveis”, contou o casal Salim e Eglê ao *Jornal Rascunho*, em 2009.



Acervo fotográfico da família

Reencontro dos editores da Revista *Ficção*, anos 2000. Eglê Malheiros, Cícero Sandroni, Salim Miguel e Laura Sandroni

Interesse pelo ser humano

De acordo com familiares e amigos, essa preocupação em ajudar novos escritores a se firmar na literatura sempre fez parte da rotina do casal. A professora Luciana Rassier define Salim e Eglê como humanistas, sempre interessados pelo ser humano.

“São pessoas muito simples, muito generosas, interessadas com o mundo, com uma curiosidade intelectual genuína. Quando eu ia visitá-los, na casa em que eles moravam perto da UFSC, para tomar um café ou fazer um lanche, sempre tinham estudantes da UFSC de Jornalismo, de História, eles eram muito interessados pelos jovens. Eles nunca se colocaram no centro de algo”, conta Luciana.

Os filhos Antônio Carlos e Paulo Sérgio Miguel compartilham da mesma opinião sobre os pais. “Com o tempo percebi o quanto fui privilegiado, porque a gente tinha acesso ao mundo deles. Era muito voltado à literatura, à música. Hoje sou especializado em música como jornalista. Em casa, a gente ouvia música clássica, MPB, eles tinham livros sobre obras de arte, pintura, adoravam cinema e a gente cresceu nesse meio, com uma bagagem cultural privilegiada, crescemos também com ideais humanistas, contra a discriminação de todo o tipo”, relata Antônio Carlos.

Para Paulo Sérgio Miguel, único filho do casal Salim e Eglê que ainda vive na Grande Florianópolis, o pai foi uma pessoa pronta a ajudar novos escritores. “Ele sempre teve essa característica. As pessoas mandavam livros para ele e ele sempre lia e respondia se tinha gostado ou não. Isso ele fez enquanto pôde”, conta.



Salim Miguel em Florianópolis, 1999, com o escritor José Saramago, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, em 1998



Salim, em sua casa, Florianópolis - 1999. No boné a palavra *maktub*, “estava escrito” em árabe, expressão que aparece no livro *Nur na escuridão*

Retorno a Florianópolis

Uma década antes de falecer, o escritor que aprendeu a gostar de livros lendo para um poeta cego também perdeu a visão. No entanto, apesar da doença lhe tirar uma de suas maiores paixões, a leitura, Salim Miguel também teve quem lesse para ele. Primeiro um estudante da UFSC que foi seu secretário, depois, o neto Jorge Luiz, filho de Paulo Sérgio, assumiu essa função.

“Ele teve a mesma doença que o Jorge Amado, doença degenerativa da mácula ocular, e perdeu a visão central da máquina de escrever, ficou só com a visão periférica. Foi nos maiores oftalmologistas, mas é uma doença que não tem cura. Foi um baque bem grande, ler e escrever era o que ele mais adorava fazer. Tu não via o meu pai sem um livro na frente, ele estava sempre lendo. Então, para ele foi difícil, mas até que ele superou”, conta Paulo Sérgio.

Quatro anos antes de morrer, o autor sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Em 2015, a família organizou o lançamento do livro *Nós*. O último livro de ficção lançado em vida por Salim Miguel faz referência a alguns dos principais autores de novelas policiais, os quais o autor sempre apreciou. Entre eles, destacam-se Dashiell Hammett, Edgar Allan Poe, James McCain, Lawrence Block, Patricia Highsmith e Raymond Chandler. Publicado pela Editora da UFSC, o livro integrou a lista de leitura obrigatória do vestibular da UFSC por dois anos consecutivos.

“O texto do Salim, em geral, provoca o leitor. Deixa o leitor instigado. Esse último livro que a gente conseguiu publicar ainda em vida, eu peguei o manuscrito e levei para

“
O texto do Salim,
em geral, provoca
o leitor. Deixa o
leitor instigado.

Luciana Rassier.

a Editora da UFSC, que adotou o projeto, e o Salim ajudou a escolher a capa, fizemos o lançamento primeiro para os amigos, lá na casa de praia da Cachoeira do Bom Jesus. E é um texto incrível. Em breve, vai fazer dez anos da publicação, mas é um texto que não deve nada ao que tem sido publicado atualmente”, diz a professora Luciana Rassier.

Últimos anos

A família Miguel retorna a Florianópolis na década de 1980. Dois fatores decisivos contribuíram para o retorno à Ilha. A demissão de Salim da Editora Bloch, que tinha como destaque a publicação da revista *Manchete*, uma das principais publicações impressas da segunda metade do século XX, e o atropelamento de Luiz Felipe Miguel, filho caçula do casal Salim e Eglê, na rua da casa onde a família morava. O acontecimento trágico fez com que a família decidisse deixar o Rio de Janeiro de vez.

De volta à capital catarinense, Salim assumiu o cargo de diretor-executivo da Editora da UFSC, onde construiu a sede da editora, ampliou o número de publicações e valorizou autores catarinenses. Ele também organizou a 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira com importantes escritores.

Nos anos 1990, como superintendente da Fundação Cultural Franklin Cascaes (FCC), expandiu as atividades culturais em Florianópolis, criando um núcleo de captação de patrocínios e promovendo eventos culturais, além de apoiar publicações e oficinas de arte para comunidades periféricas e de pescadores.

Acervo fotográfico Eglê Malheiros e Salim Miguel



Salim e Eglê,
nos anos 2000

Homenagem

Em 2024, a família criou um site para homenagear o escritor. O site Salim Miguel 100 anos é uma organização dos filhos Antônio Carlos Miguel, Veet Vivarta (João José Miguel), Sônia Malheiros Miguel, Paulo Sérgio Miguel e da neta Atiaia Miguel. De acordo com Antonio Carlos, a iniciativa tem como objetivo trazer mais leitores para conhecer a obra de seu pai.

“Esse movimento foi para não deixar passar, porque ele teve reconhecimento, mas ele não fez uma literatura exatamente fácil. Não porque ele quisesse ser difícil, ele queria escrever um conto que trouxesse alguma contribuição em forma de linguagem. Os livros dele, na maioria, são para quem tem prazer em ler e tem o hábito de leitura. Uma pessoa que não tenha uma formação básica de literatura, talvez não consiga atravessar. Então a obra dele é meio complexa, teve reconhecimento de crítica, o *Nur Na Escuridão* de público também. No momento, a gente está pensando em fazer uma edição ebook gratuita para manter a literatura dele”, conta Antônio Carlos. —



Confira através
do QR Code o site
comemorativo do
centenário de
Salim Miguel

Veja

7 LIVROS para conhecer Salim Miguel

1



Velhice e outros contos (Florianópolis, Edições Sul 1951)

O primeiro livro de Salim Miguel é baseado em sua experiência de trabalho como recenseador do IBGE no ano de 1950. Editado pelos membros do Grupo Sul, o livro foi bem recebido pela crítica. Além da edição de 1951, *Velhice e outros contos* possui outras duas edições: de 1981, pela Fundação Catarinense de Cultura, e outra de 2004, pela Editora Unisul.

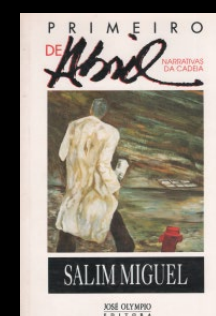
2



A Voz Submersa (São Paulo, Editora Global, 1984)

Segundo romance de Salim Miguel, *A Voz Submersa* é baseado em um episódio sombrio da história do país presenciado pelo escritor — a morte do estudante Edson Luís — assassinado por policiais militares durante um protesto no Restaurante Calabuço, no centro do Rio de Janeiro, em 1968.

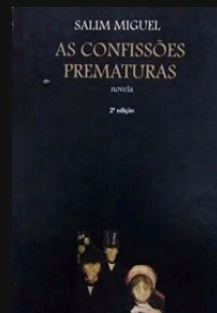
3



Primeiro de abril: narrativas da cadeia (Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1994)

O livro é um retrato ficcional da Ditadura Militar, com base na experiência vivida pelo autor durante os 48 dias em que passou preso pelo regime militar em 1964. Publicado pela primeira vez em 1994, pela Editora José Olympio, no Rio de Janeiro, o livro ganhou uma tradução para o francês em 2007.

4



As confissões prematuras (Florianópolis, Editora Letras Contemporâneas, 1998)

Publicado em 1998, pela editora Letras Contemporâneas, de Florianópolis, *As confissões prematuras* é uma novela com apenas três personagens sem nome: o gordo, o magro e a mulher.

5



Nur na escuridão (Rio de Janeiro, Topbooks, 1999)

Lançado pela Editora Top Books, no Rio de Janeiro, em 1999, *Nur na escuridão* é um romance autobiográfico. A narrativa, baseada na autobiografia deixada por Yussef/José Miguel, pai de Salim Miguel, reconstrói a vinda da família libanesa para o Brasil e os anos que seguiram. A obra foi agraciada com os prêmios APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Zaffari & Bourbon, na categoria melhor romance. Em 2008, ganhou uma nova edição pela Editora Record.

6



Reinvenção da infância (São Paulo, Editora Novo Século, 2011)

Um dos últimos trabalhos de Salim Miguel, *Reinvenção da infância* foi publicado pela editora Novo Século, de São Paulo, em 2011, quando o autor tinha 87 anos. Segundo a professora Luciana Rassier, o lançamento de *Reinvenção da infância* foi um evento cultural.

7



Nós (Florianópolis, Editora da UFSC, 2015)

O último livro de Salim Miguel, *Nós*, é uma novela policial lançada pela Editora da UFSC, em 2015. Uma curiosidade sobre a publicação é que ela foi ditada pelo autor ao neto Jorge Luís após Salim ter perdido a visão. *Nós* esteve presente na lista de leituras obrigatórias do vestibular da UFSC e da UDESC por dois anos seguidos. Com uma narrativa disruptiva, o livro traz várias referências de alguns dos principais autores do gênero que Salim sempre leu e adorou, entre eles Edgar Allan Poe.

AS MUITAS FACES DE *Eglê Malheiros*

Professora, editora, escritora, roteirista, poeta, tradutora, bacharel em Direito, comunista, esposa, mãe, avó e bisavó. Eglê Malheiros é muitas; conheça a história de vida e de luta desta catarinense multifacetada

Por Nathalia Melo



Eglê Malheiros, com 18 anos, em Joinville, 1946

Eglê da Costa Ávila Malheiros nasceu em Tubarão (SC), em 1928. Pouco tempo depois, a família mudou-se para Lages (SC), onde Eglê viveu até os quatro anos de idade. Em 1932, após o assassinato de seu pai Odílio Cunha Malheiros por motivações políticas, a mãe Rita da Costa Ávila Malheiros mudou-se novamente, dessa vez para a região central de Florianópolis, com os quatro filhos: Eglê, Ione, Elsa e Odílio. Na capital catarinense, a família fixou residência na rua Esteves Júnior, onde ficava localizada a chácara dos avós maternos João Octávio da Costa Ávila e Maria Siebert da Costa Ávila.

Aos onze anos de idade, Eglê foi estudar no Colégio Coração de Jesus, na rua Hermann Blumenau. Em 1943, aos 14 anos de idade, criou um clube antifascista na escola chamado “FE - Fora o Eixo”. Junto com o clube, Eglê organizava comícios no pátio do colégio e montava piquetes na entrada da instituição para apoiar a greve, além de circular ideias em um jornal chamado *Vitória* e se manifestar contra o movimento nazista na Europa.

A partir de 1942, após o Brasil ter navios mercantes torpedeados por submarinos alemães, Getúlio Vargas declarou guerra à Alemanha nazista e à Itália fascista. Com este ato, as freiras que administravam o Colégio Coração de Jesus pediram aos membros do clube, que até então era considerado secreto, que o tornassem oficial.

Este e outros momentos da vida de Eglê Malheiros, como a participação no Círculo de Arte Moderna, a edição da revista *Sul*, a criação do roteiro que levou à pro-



Em 1951, Eglê foi a primeira mulher a se formar na Faculdade de Direito em Santa Catarina



Homenageada como paraninfa da turma de formandos de 1952 do Colégio Dias Velho

dução do primeiro filme de ficção catarinense (*O Preço da Ilusão*, 1958), a carreira como professora no Instituto Estadual de Educação Dias Velho, o casamento com Salim Miguel, a faculdade de Direito, a prisão política nos primeiros dias da ditadura militar, a mudança e a vida no Rio de Janeiro e o retorno a Florianópolis, são contados no filme *Eglê* dirigido pela jornalista Adriane Canan e produzido pelas produtoras catarinenses Margot Filmes, Lilás Filmes e Calendula Filmes.

Lançado em julho de 2023, em comemoração aos 95 anos de Eglê Malheiros, o documentário tem 82 minutos de duração e está sendo apresentado no circuito de festivais. Em agosto, o filme será exibido no VII Festival Internacional de Cinema Curta Lages. Em breve, o filme estará disponível também no streaming do Canal Cine Brasil TV.

De acordo com a diretora, o documentário traz muitas surpresas, até mesmo para a família. “A história dela sobre criar um clube antifascista no colégio de freiras, em Florianópolis, aos 14 anos, os filhos não sabiam. Isso diz muito de quem ela vai ser depois. Ela já era uma pessoa com muita consciência do seu lugar e da luta, ainda muito jovem”.

Segundo Adriane, o filme conseguiu mudar a forma de enxergar Eglê Malheiros.

“A maioria das pessoas, acho que não por mal, mas por falta de informação, entendiam que a Dona Eglê era quem era por causa do Salim, que ela teria ido para o Grupo Sul

— REPORTAGEM ESPECIAL

por causa do Salim, mas não é verdade. Ela já escrevia e dava aulas. Ela foi para o Grupo Sul junto com o Salim, tinha uma mesma importância que ele. E é lá que eles começam a namorar. Ela já tinha um jornal antes do Grupo Sul, a *Folha da Juventude*. Eu arrisco dizer que ela era a principal intelectual do Grupo Sul”, afirma a diretora.

Participação no Grupo Sul

Na década de 1950, Florianópolis exibia um ar provinciano. Naquela época, com pouco mais de 65 mil habitantes, a cidade era isolada tanto no cenário econômico quanto cultural. É nesse contexto que surge o Círculo de Arte Moderna, que mais tarde passou a se chamar Grupo Sul. Formado por um grupo de jovens intelectuais de diferentes áreas, como artes, literatura, teatro e cinema, eles revolucionaram o panorama cultural na capital catarinense. Eglê Malheiros, a única mulher a fazer parte do grupo, participou de quase todas as frentes, destacando-se principalmente nas áreas de teatro, cinema e literatura. Ao lado de Salim Miguel, escreveu o argumento e o roteiro do filme *O Preço da Ilusão*, primeiro longa-metragem de ficção catarinense, de 1958.

Sobre ser a única mulher a participar do Grupo Sul, Eglê comentou em uma entrevista concedida à professora e pesquisadora Lina Leal Sabino, em 1979:

“Há pouco tempo um amigo lembrou-se de me perguntar como eu me sentia, sendo mulher, ao participar de tantas atividades que, na época, em geral eram reservadas aos homens. Mais uma vez surpreendi-me, pois eu achava muito natural, o de estranhar seria não agir. Claro que minha família era aberta, de ideias avançadas; minha mãe procurou nos educar como meu pai gostaria. Além disso, desde pequena eu aprendera a tomar responsabilidades e a levar as coisas a sério; eu era muito mais séria na juventude do que agora; a vida fez com que meu senso de humor aumentasse.”

Ao mesmo tempo em que participava do Grupo Sul, Eglê Malheiros também foi a primeira mulher a ingressar na Faculdade de Direito de Santa Catarina, foi professora

Eglê Malheiros foi a primeira mulher a ingressar na Faculdade de Direito de Santa Catarina

de História no Instituto Federal de Educação Dias Velho e mãe. Em 1952, casou-se com Salim Miguel e passou a chamar-se Eglê Miguel Malheiros.

“Nós estamos falando da época em que a mulher ainda não podia vestir calça. Eles faziam parte desse grupo e iam conversar no Miramar. A Eglê diz que muitas vezes as discussões eram realizadas na casa dos avós dela, onde ela morava com a mãe, porque não podia uma moça ficar conversando com moços assim. Me lembro que quando ela contou isso, ela disse uma frase muito forte: ‘Eu sempre escolhi minhas batalhas’”, lembra a professora Luciana Rassier, amiga da família e pesquisadora da obra de Salim Miguel.

Rassier lembra que as peças produzidas pelo Grupo Sul tinham a finalidade de arrecadar fundos para a impressão da *revista Sul*, publicação que circulou em Florianópolis entre os anos 1948 e 1957, tendo 30 edições publicadas em quase dez anos de existência. A revista apresentava uma rica variedade de contos, crônicas, artigos e poesias, escritos por autores conhecidos e desconhecidos, contribuindo para uma ampla diversidade literária.

“Eles se conheceram, estreitaram o convívio e fizeram essas peças, que eram peças de um ato só, para angariar dinheiro para imprimir a revista. Não havia editoras na época, a revista era impressa na Imprensa Oficial depois do horário de expediente. Eles davam todo o papel, tinta e pagavam hora extra para os funcionários. Essas peças fizeram tanto sucesso no Teatro Álvaro de Carvalho, que deu para imprimir vários números da revista e ainda todos irem jantar”, conta a pesquisadora.

Acervo fotográfico da família



Eglê foi a única mulher a participar do Grupo Sul

Subversiva

Desde muito jovem, Eglê se destacou por seu posicionamento político e sua luta pelos seus ideais. No documentário dirigido por Adriane Canan, vemos Eglê com apenas 18 anos de idade, em 1946, ano em que participou da fundação do Partido Comunista em Joinville (SC), onde morava e lecionava no Grupo Escolar Ruy Barbosa. Eglê se dedicava a escrever seus discursos à mão em um caderno de anotações. Em um desses discursos, ela se posiciona firmemente contra os políticos que acabam votando contra os interesses da população:

“Combatamos companheiros, apoiados em Marx, os demagogos, os falsos amigos do povo, homens que fazem lenda em torno de si dizendo tudo dar, quando na realidade tudo tiram. Lutemos contra os partidos que se dizem do operário e que na verdade só vão contra ele, e contra os falsos representantes do povo que trabalham contra ele na Assembleia Constituinte.”

Em abril de 1964, quando os militares tomaram o poder, Eglê Malheiros, então com 35 anos, foi uma das muitas pessoas presas por suas opiniões políticas, ví-

timas da perseguição autoritária que tomou conta do país. O motivo da prisão: ser subversiva.

Na época, a família Miguel morava em Florianópolis. Além da prisão, que foi convertida em domiciliar e se estendeu por quase três meses, Eglê também foi afastada do cargo que ocupava como professora no Instituto Estadual de Educação Dias Velho e proibida de lecionar até 1979, ano em que a Lei da Anistia concedeu o perdão aos perseguidos políticos.

Sobre essa época, Antônio Carlos, um dos cinco filhos do casal Eglê e Salim, conta:

“Meu pai nunca foi filiado a partido. Minha mãe era do partido, mas ela sempre fez questão de não nos envolver. Ela era mais pensadora, não era ativista de ir para a rua. Ela não nos levou para colar cartazes nas ruas, nada disso. Ela nos preservava. E eu e o meu irmão, um ano mais velho, optamos por outra coisa. Era o auge da onda *hippie*, paz e amor. Nós achamos que íamos mudar o mundo, mudando individualmente. E sabemos que o mundo continuou piorando em muitas coisas. Nós sobrevivemos à ditadura, sabemos que foi muito pior para muita gente, mas a gente não pode esquecer do que foi feito e temos que lembrar o quanto essa visão negacionista pode ser prejudicial à humanidade como a gente assiste diariamente.”



Eglê menina, segurando um gato



Eglê, em Florianópolis, na década de 60, com os filhos Sônia, Antônio Carlos e João José

Impedida de lecionar, Eglê, que era conhecedora de cinco idiomas — alemão, espanhol, francês e inglês e italiano — dedicava-se à tradução.

Vida no Rio de Janeiro

Após a prisão, o casal mudou-se para o Rio de Janeiro com os filhos. Na capital carioca, Salim trabalhava em dois empregos. De manhã, dava expediente na Editora Bloch, onde contribuiu como jornalista para diversas publicações, entre elas para as revistas *Manchete*, *Fatos e Fotos* e *Tendência*. À noite, dirigia-se para a Agência Nacional, a agência de notícias do governo brasileiro.

Impedida de lecionar, Eglê, que era conhecedora de cinco idiomas — alemão, espanhol, francês e inglês e italiano — dedicava-se à tradução. Entre suas traduções mais notáveis estão textos para enciclopédias, matérias de revistas e livros como *Knulp*, de Herman Hesse, *A Coragem de Ser*, de Paul Tillich, e *A Mulher do Eunuco*, de Germaine Greer.

Enquanto viveu no Rio de Janeiro, Eglê também foi responsável pela edição da revista *Ficção*, ao lado do marido Salim e do casal de amigos Cícero e Laura Sandroni, e de Fausto Cunha. Durante esse período, Eglê também ocupou o cargo de diretora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Retorno a Florianópolis

De volta a Florianópolis, em 1979, Eglê foi beneficiada pela Lei da Anistia (Lei Nº 6.683, de 28 de agosto de 1979) e no ano seguinte, retornou ao seu posto como professora de história no Instituto Estadual de Educação, onde permaneceu por mais alguns anos até se aposentar.

Além disso, exerceu a função de Secretária Municipal de Educação, em 1985. Na área política, em 1986, candidatou-se a deputada constituinte, pelo Partido Comunista Brasileiro, com o slogan “Educação para a transformação”.

Produção literária

A jornada de Eglê Malheiros como escritora teve um marco significativo em 1952, quando lançou, aos 24 anos, seu primeiro e único livro de poesias intitulado *Manhã*. Os poemas que compõem *Manhã* refletem diferentes momentos da vida de Eglê e da história do país, sempre abordando temas recorrentes que a acompanhariam por toda sua trajetória de vida: os sonhos de luta e liberdade para a população mais pobre, a revolta e a indignação contra a vida sofrida levada pelos trabalhadores e a fé na juventude.

Surgem heróis das campinas,
Das fábricas e dos roçados,
Morrem homens vinte vezes,
Mas não morre a liberdade,
O povo ama seus mortos,
Não olvida os matadores,
Juventude em mundo velho,
Limpará o mundo novo,
Que os outros irão viver.

(Trecho do poema *Revolução* publicado na *Revista Sul*, ano IV, número 12, abril de 1951, página 33).

Além dos aspectos sociais e políticos, seus poemas também revelam momentos íntimos e pessoais de sua vida, como a dor sofrida pelo assassinato de seu pai e a morte precoce de seu irmão aos 11 anos de idade.

Os anos passarão,
Outras crianças colherão pitangas,
E hão de correr do cachorro do vizinho,
Aqueles meninos teus companheiros,
Serão velhos,
Avós,
Longínqua a juventude,
Afastada a infância,
Contigo não será assim,
Terás sempre onze anos,
Na memória,
Dolorosa,
Dos que te amaram.

(Trecho do texto Poema para meu irmãozinho morto, publicado no livro Manhã)

Na pesquisa *Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina*, a professora Lina Leal Sabino destaca que “a arte poética de Eglê Malheiros, em *Manhã*, vibra com a vida, sofre com o povo, espalha a esperança por uma manhã melhor, um dia”.

Na área da literatura infantil, Eglê publicou dois títulos: *Desça Menino* (1985) e *Meus Fantasmas* (2002). Escreveu ainda ensaios, peças teatrais e crônicas para jornais como *O Estado* e *Diário Catarinense*, de Florianópolis.

Atualmente, Eglê vive com a filha Sônia, em Brasília. Do relacionamento com Salim, parceiro de toda a vida, teve cinco filhos, oito netos e quatro bisnetos. —

Eglê e Salim com filhos e netos no aniversário de 80 anos de Salim Miguel, em 2004

Acervo fotográfico da família



TEXTOS LITERÁRIOS

CAVALOS CANSADOS SOB O SOL

Por Eduardo Di Bernardi

Sob seu dorso curvado e suas mãos apoiadas na cintura, a cifra de algum desespero sustentava-lhe o gestual. A sua frente, para além da cerca, seus cavalos estavam entregues ao tapete verde de gramíneas e ao banho delicado do sol a pino. Moscas zuniam em zigue-zague ao redor de cada um deles, crispando-lhes as orelhas e alguns músculos isolados, e os raios de sol faziam brilhar trechos de suas pelagens. Seus cansaços assumiam, com tudo isso, uma carnadura quase angelical — a beleza, completa e visível, estava ali.

No tempo da infância, sabe-se lá quantas vezes correria com suas pequeninas pernas para deitar no gramado, junto deles. Ao chegar lá, punha-se a gastar seu ócio encarando-os, extasiado, pois era menino e sentia a vida com doce força. Com o passar do tempo, porém, sua inocência veio a calejar: cada vez mais foi percebendo a dureza e a segura do solo interiorano, a instabilidade inflexível das estações, a improdutividade que às vezes tomava o plantio. A vela da infância, assim, foi deixada no quarto abandonado queimando sozinha, até apagar. E ele, enfim, cresceu homem.

Não queria a beleza que via agora no pasto. Desde que espichara, ela nunca mais foi objeto de seu desejo. Notava-a, e, com a expressão grave que aquela terra lhe havia dado, murmurava ofensas aos animais. Havia ido até ali para montar em um deles e partir numa cavalgada, sem rumo e sem vitória. Fazer isso era costume seu quando não mais conseguia conter a força da náusea que crescia em seu íntimo. Ser um homem naquela localidade era árduo, mas ser humano era mais ainda: há muito enterrara a si próprio sob o terreno do silêncio em prol do que deveria ser, e isso estava lhe custando caro. Mas era o que os homens tinham de fazer - ele pensava -, o que seu bisavô fizera, depois seu avô e, mais recentemente, seu pai. Ele estava apenas seguindo o que lhe fora ensinado.

Diante da cerca que separava a estrada da pastagem, seu incômodo crescia. E cresceu até o ponto em que ele se viu entrando pela portinhola da divisa, com a cela e o chicote em mãos. No começo, foi caminhando lentamente até os cavalos, mas quando atingiu certa distância, tornou a apressar o passo e, de um instante a outro, lançou-se em disparo. Como um animal em fúria, correu até a manada e tentou dispersá-la, com pontapés e chicotadas. Aquela monotonia, aquela beleza de um estranho cansaço — elas não poderiam continuar. Os cavalos, por reflexo, se ergueram em susto, relinchando. O terror tomou o lugar da graça. O zunido das moscas cessou. O sol continuava ali, afagando tudo, mas a impressão era de que havia desaparecido. O silêncio se transformou: agora ele tinha a feiura e a agressividade do momento.

Seus olhos coléricos miravam os olhos assustados de cada cavalo, tal que quisessem que eles os desafiassem. Naquela tensão, tudo parecia se suspender por um instante, desde os barulhos até os odores do mato. O homem respirava com peso e ardor — estava cansado, tragicamente cansado. Mas não como estiveram os cavalos antes de ele entrar pela portinhola. Seu cansaço era uma prisão em que ele mesmo se pusera, uma masmorra herdada e bem cuidada no tempo. Já o cansaço da manada exprimia a grandeza do descanso, a cessação de todo afã e, acima de tudo, a entrega à vontade da vida.

Justamente o que a vida não queria, ele fizera: no seu passado, não havia lhe sido ensinado que a vida de dentro tem o único caminho de verter para fora. Caso isso não viesse a ocorrer, ela eventualmente apodreceria. Essa angústia que sentia, dessa forma, era um pântano estendido em seu íntimo, em que jaziam, em estado de decomposição, as suas tão únicas verdades. A cena dos cavalos deitados na grama movimentou águas que há muito estiveram paradas. Porque algo o fizera sentir mais de perto o cheiro fétido do próprio interior, ele então revidava.

Em frente ao bando, escolheu um dos cavalos. Chegou-lhe perto e jogou a cela de couro pesado em suas costas. Em seguida, murmurou algo em seu ouvido, tentando subir. Sobre o grande animal, cutucou-lhe com as esporas e chicoteou o ar para que andasse. Mas nada funcionou. Agarrou então sua crina na pura truculência. O animal relinchou de espanto e começou a se remexer a expulsá-lo de si. Ressentido com essa malcriação, o homem apertou ainda mais a crina, fazendo com que a montaria tornasse a saltar de dor. Do agarrar de mãos e pular de pernas, uma das forças por fim se sobressaiu: o homem caiu da cela.

A queda o atordoou um pouco, deixando-o espichado de exaustão na grama. Perder para um cavalo era uma derrota incontornável. Em nenhum momento da história de sua família, ele julgava terem os homens sido derrubados pela própria montaria. Isso, caso ocorresse, seria o estopim para perder o respeito dos parentes, a imponência dentro do lar e muitos outros sustentáculos que concediam solo firme. Mas ele perdeu. Sem que pudesse se negar, crispou os olhos e, contorcendo-se, chorou. Não havia sobrado mais nada do homem que construíra. O choro extravasou feio, como se os músculos da face não estivessem acostumados com aquele tipo de contração. Ficou assim, frente a frente consigo, durante um tempo, até que, tendo secado toda a tristeza e não restado o que chorar, levantou-se um pouco. Olhou novamente para os cavalos, de cabeça baixa. Não queria que eles o vissem chorando. O dono de um cavalo não poderia chorar; o dono de um cavalo era, além disso, dono do mundo e de si. E o mundo não admitia lágrimas de dono caindo sobre seu solo.

Para sua surpresa, a manada, enquanto ele chorava, havia voltado novamente a descansar sob o sol. Como se alguma força secreta tivesse asseado sua percepção, sentiu os mesmos raios quentes baterem em sua pele e as mesmas moscas o rodearem com seus zuns-zuns. Algum entendimento havia nisso, ele intuía. Algum descanso também. De alguma forma, entregou-se para um novo mistério: seu olhar, vencido, perdeu-se nos cavalos. Suas mãos agora repousavam com diferente cansaço na grama e queriam fundir-se a ela num toque sensívelíssimo. Tal como naqueles dias antigos de sua vida, o homem pôs-se a desmanchar na apazibilidade do momento. Sem dureza, sem angústia.

Sobre o autor

Eduardo Di Bernardi de São Thiago tem vinte e dois anos, é natural de Florianópolis e estuda Letras Português na UFSC. A escrita apareceu para mim como meu meio de expressão durante a época escolar. Comecei com passos curtos: anotando frases que vinham na cabeça em blocos de notas ou cadernos - muitas vezes durante as aulas. Com o passar do tempo, fui me embrenhando mais no universo da leitura e acabei desenvolvendo desejos por outros formatos maiores e mais complexos. Hoje me aventuro a escrever contos, mas nunca sei quando poderei querer outros ares. Escrever, afinal, é um eterno malabarismo com as palavras, como também um respiro longo e recuperador.

DE TUDO QUE NOS ROUBARAM

Por Samantha Sant'ana

De tudo que nos roubaram: a vida, o presente, o passado e o futuro – hoje, especialmente hoje, considero que essa coisa, essa imaterial e subjetiva coisa, seja a pior. Enquanto caminho sozinha para o ponto de ônibus, após um dia de trabalho, tento me acostumar novamente com o gosto familiar de não ter e não acreditar que terei o mesmo que eles.

Eles parecem ter nascido com essa coisa na carne, outras, parecem pegá-la no ar. Não sinto inveja, mas tristeza. Tento entender e ser entendida. Tento não ter ódio para não semeá-lo. Tento impedir que a melancolia me arraste para o fundo, mas hoje, especialmente hoje, eu estou quebrada.

Sangrei como eles, mas não sinto e nunca me sentirei igual. Não penso e nunca pensarei igual.

O pior é que de vez em quando, percebo que também não consigo sonhar igual, sonhar alto, sonhar grande, ou simplesmente, sonhar.

Temos os pés fincados na realidade que nos puxa para baixo. Nos perigos que nos mantêm alertas o tempo inteiro, na guarda que não ousamos baixar por completo. Usamos a felicidade de alguns dias como símbolo de um triunfo revolucionário. E ela é. Mas não é revoltante que ela só seja vista assim porque não é regra entre nós, não é comum, não é esperada?

"A cor da pele não importa", eles dizem, mas quem de nós consegue acreditar? Como e por que eu acreditaria neles?

De tudo que nos roubaram, hoje, especialmente hoje, o que mais lamento é a falta dessa coisa chamada autoconfiança. A crença de que nós, pessoas negras, conquistaremos o mundo, que nós conseguiremos ter os mesmos direitos, que nós conseguiremos ter qualidade de vida... Que nós, mulheres negras, conseguiremos ser amadas tanto quanto amamos.

Sobre a autora

Samantha Sant'ana é jornalista, narradora e redatora. Estudante de Artes de Cênicas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), faz parte do elenco do espetáculo "Lembra de mim?".

O RATO

Por Bárbara Fraga Góes

Ele entrou em minha morada quando eu menos esperava. Ele passou um tempo curtindo às minhas custas, avacalhando tudo casa a fora, até que eu o descobri.

Eu o vi agindo naturalmente.

Essa materialização me mostrou a realidade. Eu estava sendo enganada. Eu já o tinha visto, mas não acreditava em mim mesma. De certo modo, eu não estava preparada para vê-lo.

Eu me organizei.

Comecei a notar seus passos.

Aquilo me incomodava.

Ele esperava eu sair para agir pelas minhas costas.

Ele aproveitava os poucos momentos da minha ausência para ser livre e permanecia confinado enquanto eu estava por perto.

Isso é muito estranho.

“Quando eu não estou, ele faz a festa. Quando eu chego, eu vejo os vestígios, as cagadas espalhadas pela minha cara”, era esse o meu sentimento.

Passei a estudar seu comportamento, seguir seus rastros. Fiz leituras a respeito. Gastei muitas horas pensando. Quando ia dormir, tentava imaginar o que ele estaria fazendo. Se em uma noite qualquer, por acaso, eu conseguiria pegá-lo no flagra. Já coloquei vários tipos de isca, as quais ele comeu, mas ainda assim não foi o suficiente para capturá-lo.

Para tudo!

Ouvi um barulhinho e logo veio à minha mente a imagem do ratinho sufocando, morrendo asfixiado. Sei que é um pensamento cruel, mas é o meu desejo. Vou correndo verificar, mas no fundo tenho medo de me chocar. Não encontro nada. Às vezes penso ser obra do sobrenatural.

Hoje percebo os sinais que a vida me mandava.

Ele, para mim era um só, mas talvez fossem vários.

Afinal, eles são todos iguais.

E a minha vida, mais uma morada, ainda bem que foi de passagem.

Sobre a autora

Bárbara Fraga Góes é natural de Florianópolis (SC), é doutoranda em Estudos da Tradução no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET-UFSC) e mestra em Estudos da Tradução pelo mesmo programa. Estudou um semestre na Universidade de Ottawa (Canadá). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas, atuou como professora de Francês; e de Português como língua estrangeira. Possui Licenciatura em Letras - Francês e Bacharelado em Letras - Italiano.

PAREDE BRANCA

Por Jéssica Schmitt

Eu odeio ficar encarando a parede branca do consultório do meu analista. Parece que a agonia e toda a pressão de ter que falar sobre os meus problemas cai sobre mim, e ao olhar para ela tudo fica mais explícito.

“Como passou a semana?”

“Bem”, respondo ainda pensando na parede branca.

A parede parece estar ainda mais branca, diferente de antes. Será que pintaram ou sou eu que não estou mais acostumada com o divã?

“Nada de novo aconteceu nessa semana?”, meu analista insiste.

Não posso gastar meu dinheiro só para ficar pensando na cor da parede. Descruzo os braços e respiro fundo.

“Tenho pensado na morte.”

Silêncio.

Ele suspira e se arruma na poltrona. “E sobre o que você pensou?”

“A maioria das pessoas têm medo dela. Acredito que por pensarem que ela vai tirar algo, que vai deixar você sem as coisas que ama, sem saber exatamente o que vem pela frente”, disse agora olhando para o ar condicionado fixado na parede branca.

“Sim, é normal”, ele respondeu.

“Sim”, faço uma pausa. “Por muito tempo pensei que era o meu caso também. Não que eu não tenha medo o que eu tenha as respostas sobre. Mas não acho que haja algo que ela pode tirar de mim.

Silêncio.

A parede branca parece ainda mais branca.

“Tenho pensado que não tenho muitas coisas nas quais me apegar. Acho que é exatamente por isso que não me importo mais com a morte”

“Como assim?”, ele pergunta.

“Não sei. Vivo com uma sensação de derrota”, respondo olhando para a parede branca. “Tenho muitas coisas na minha vida, é verdade, mas não consigo ser feliz”

“E você já foi feliz?”

“Provavelmente sim. Quero dizer, sim, na infância. Mas não me lembro dessa parte da minha vida”, solto uma risada tímida. “O que chega a ser engraçado. Justamente a época em que eu fui feliz é a que eu não tenho lembranças para guardar. Nem que fosse para viver de nostalgia.”

Silêncio.

A parede fica ainda mais branca.

“Parece, às vezes, que alguns nascem sem funcionar direito, tipo quebrados, ou eu que não funciono muito bem”, concluo.

“Você pensou em uma saída para isso?”, ele pergunta, como se quisesse tirar uma confissão de mim.

— CONTOS LITERÁRIOS

Não ousou responder.

O silêncio permanece na sala por alguns minutos.

Tento encontrar as palavras certas para falar, mas não consigo.

A agonia cresce. Quero falar. Melhor, quero gritar e chorar no meio da sessão igual uma criança. Mas meu corpo permanece estático, nenhuma lágrima cai dos meus olhos e nenhum som sai da minha boca. Por quê?

“Bom, acho que ficamos por aqui então”, ele diz.

Continuo deitada no divã, encarando a parede branca.

Silêncio.

“Você quer me dizer algo?”, ele insiste.

Muitas vezes sinto que o silêncio nas minhas sessões é agonizante. Mas, dessa vez, ele parece ser um lugar confortável. Fecho os olhos, respiro fundo. Sinto que meu analista está desconfortável, ou apenas com pressa para terminar a sessão logo. Imagino a próxima pessoa aguardando para ser atendida, mas meu corpo continua parado. Quero ser engolida e desaparecer dentro do divã.

Ele respira fundo. Abro os olhos e observo a parede. Ela me encara de volta.

“Sabe aquilo que Nietzsche disse sobre o abismo olhar de volta para você quando você olha para ele?”, pergunto.

“Sim”, ele responde.

“Sinto isso com a parede”

“Desculpe, não entendi. Como assim?”

“A parede da sala, ela me olha de volta”, respondo.

Silêncio.

Falei aquilo como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Não sei se ele me entendeu e não pretendo descobrir.

Respiro fundo e sento no divã. Pego minhas coisas, me despeço e saio da sala.

Sobre a autora

Jéssica Schmitt tem 24 anos e nasceu no litoral de Santa Catarina, na cidade de Itajaí. Morou parte da vida em Florianópolis e sempre foi apaixonada pela Ilha da Magia e suas lendas. Cursa Jornalismo na UFSC e faz estágio em órgão público. Se interessa por diversos assuntos, que vão desde literatura e arte até esportes e astrologia. Seu sonho é publicar um livro e criar um podcast.

Poesia

Por Aline Dutra

ELA

Seu coração é poesia

O resto é puro caos

Nela habita intensidade

É oito ou oitenta

É feita de liberdade

Não releva sentimentos

Mas gosta da verdade

Nasceu pronta para voar

Vive sem arrependimentos

Não pertence a ninguém

Sempre à frente em pensamentos

De alma livre

E livre de julgamentos

Atraída pelo mundo

A curiosidade é seu combustível para viver

AMORES

Vai e vem

O mundo dá voltas

E amores vão e voltam

Alguns são só passagem

Uns pela vida até ficam

Poucos são para amar

Outros só para sacanagem

Uns se tornam desconhecidos

Outros viram companhia para o bar

Se bobear, até inimigos

Mas há também amores genuínos

Daqueles que compartilham até o lar

AFETO

Na placa dizia “aqui tem afeto”

E com o peito ardendo em carência

Foi e sentou-se à mesa

Pediu uma dose de atenção

E mais uma com “o que tiver está bom”

Ali ficou e o tempo passou

Não olhou o cardápio

Do pouco se contentou

E o tempo passou

E ali ficou

VIAGEM

Pegou o trem

Era tarde da noite

Na mala havia coragem

E carregava consigo uma vontade

De ser menos selvagem

Mas não era essa a verdade

Queria apenas uma viagem

Buscava por novidade

Tinha apenas uma passagem

Viajava atrás de reciprocidade

Falavam que era bobagem

Descobriu que era amante da liberdade

E dona de uma imensa curiosidade

Sobre a autora

Aline Raulino Dutra (@alinedutra). Uma aquariana com ascendente em áries, fisioterapeuta, pesquisadora, mestranda e nas horas vagas escritora. Com uma vênus em peixes entregando amor e sentimento em palavras no tempo livre e ciência e movimento nos outros dias.





